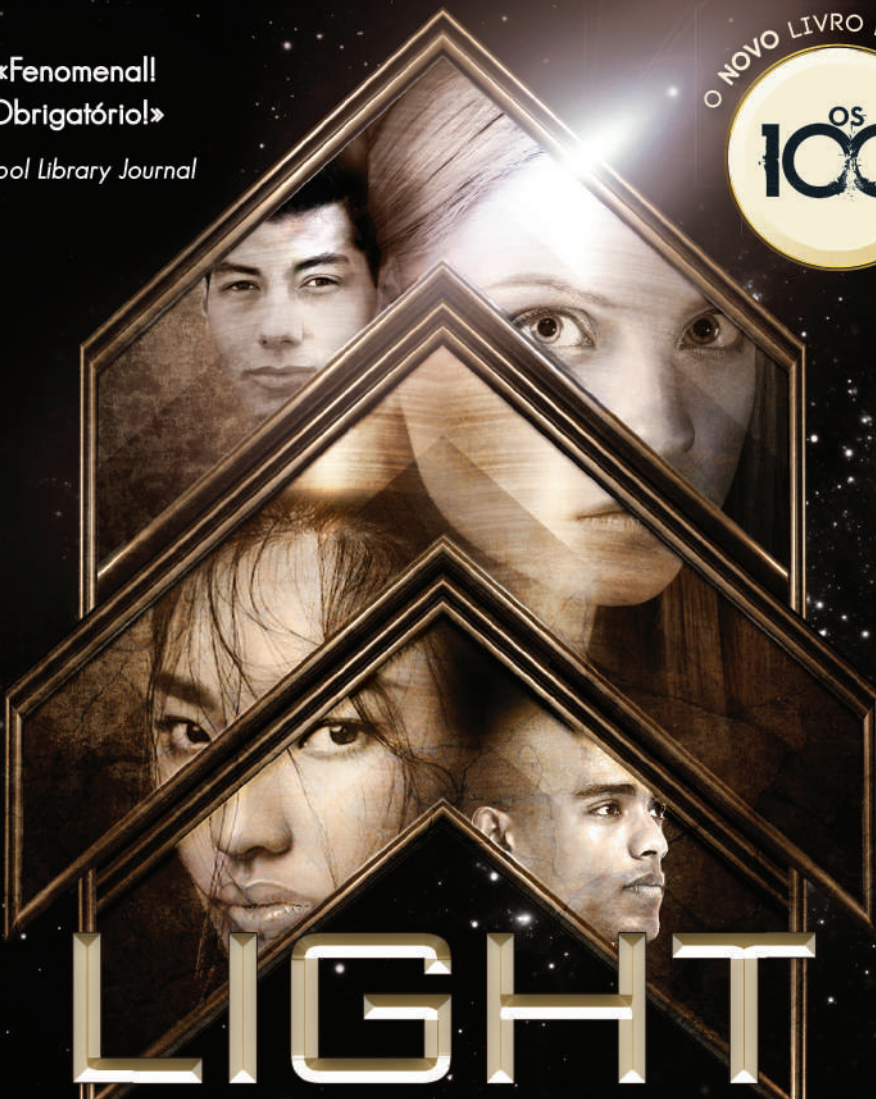


KASS MORGAN

«Fenomenal!
Obrigatório!»

School Library Journal

A composite image of four young people's faces (two men and two women) framed by a series of nested, stylized house-like shapes. The faces are partially obscured by the frames. The background is a dark space with white stars.

LIGHT YEARS



Quatro jovens cadetes têm nas mãos
o destino do Sistema Solar.

*Para o meu pai, Sam Henry Kass,
o melhor dramaturgo de toda a galáxia.
Obrigada por teres feito de mim uma escritora.*

CAPÍTULO 1

C O R M A K

A câmara de ar abriu-se com um assobio e Cormak saiu disparado em direção ao ar escaldante tingido de rosa. Enquanto a mota avançava pelo chão vermelho e gasto, ele inspirou levemente, com movimentos breves, até se certificar de que a máscara de gás estava a funcionar. Depois expirou e engatou uma mudança acima na mota, debruçando-se para a frente de modo a tornar o corpo o mais aerodinâmico possível. Era um alívio estar ao ar livre, depois de ter passado a noite inteira a fazer entregas de H₂O nas luxuosas torres do Setor Habitacional 2. O ar das torres podia ser filtrado quatro vezes, mas parecia-lhe sempre mais sufocante do que a atmosfera venenosa do exterior.

A água em Deva era austeramente racionada e a maior parte dos colonizadores mal tinha o suficiente para beber, muito menos para tomar mais do que um banho por semana. Mas, por um preço elevado, qualquer pessoa disposta a arriscar o castigo podia comprar água no mercado negro a pessoas como Sol, o patrão de Cormak. Há dois anos que Cormak fazia estas entregas nas luxuosas torres,

mas os residentes abastados ainda o olhavam com desconfiança, como se ele fosse uma substância qualquer que devia ter ficado retida nos filtros. Aprendera da pior forma a não deixar o olhar demorar-se sobre os objetos nos apartamentos — a fruta a crescer nos terrários, ou os filmes a dar nos monitores, mas sobretudo sobre os livros fechados nas estantes herméticas que os protegiam do ar corrosivo. Se havia algo em que as pessoas ricas confiavam menos do que num deviano coberto de pó, era num deviano coberto de pó que ainda por cima gostava de ler.

O dia de hoje estava relativamente límpido e ao longe viam-se as torres do Setor Habitacional 23 a pairar por entre o ar rosado e meio difuso. Cormak vivia no 31.º andar da Torre B, uma das seis estruturas enormes de betão que compunham o seu lar, doce lar panorâmico. Com um pouco de sorte, ainda conseguiria dormir algumas horas antes que Sol lhe ligasse com o próximo conjunto de entregas.

Cormak ligou o rádio do capacete e bateu várias vezes com a mão enluvada na lateral, até o ruído da estática desaparecer.

— ... relatórios oficiais determinam que morreram 14 mineiros na explosão. E agora, o boletim meteorológico — trinou uma voz alegre. — São 27h40 da manhã. As condições do tráfego aéreo situam-se abaixo do ponto ótimo devido a uma tempestade na mesosfera. A temperatura máxima prevista para hoje é de 212 centis. A mínima situa-se nos 199 centis. De acordo com as leituras atmosféricas atuais, respirar ar não filtrado irá matá-lo em 2 minutos e 40 segundos. Tenha um excelente dia!

Cormak praguejou ao bater num buraco. As entregas estavam a destruir-lhe a mota, mas não havia alternativa. Fazer as rotas de Sol era preferível a passar 14 horas por dia numa das minas que ainda restavam, mesmo que isso significasse trabalhar para o maior crápula de Deva.

Endireitou as pernas e içou o corpo para ver melhor. O caminho à sua frente parecia estar desimpedido, com exceção de alguns equipamentos mineiros abandonados — perfuradoras enferrujadas, barris

enormes partidos e variadíssimas peças de cisternas que os sucateiros não tinham retirado do poço esgotado da mina.

O ruído surdo do rádio foi interrompido por um alerta.

— Chamada recebida: «*Cormak, é bom que aceites a chamada ou vais ter sarilhos...*», aceita a chamada? — Cormak soltou um suspiro e murmurou:

— Aceito.

— Mas onde diabo estavas tu com a cabeça? — rosnou-lhe uma voz familiar. — Não podes andar a responder aos clientes!

— Estás a falar de quê, Sol? — perguntou Cormak, enfasiado.

— A forma como falaste com a Rella Hewitt foi inaceitável. Isto já para não falar do facto de andares a roubar o produto pelo qual *ela* pagou.

Cormak abafou um gemido. Quando ia a entrar no edifício dos Hewitt, passou por uma rapariga de ar exausto que lavava o chão — era uma imagem muito comum em Deva, onde os miúdos desistiam frequentemente da escola quando os pais ficavam demasiado doentes para poderem trabalhar. Cormak oferecera-lhe um gole minúsculo de H₂O, apenas o suficiente para que não desmaiasse antes de acabar o turno. Mas esqueceu-se de que a intrometida e aborrecida Rella Hewitt costumava ver as gravações de segurança do prédio, monitorizando os vizinhos mesmo a meio da noite. Quando ele chegou à porta dela, passou uns bons cinco minutos a ouvi-la berrar com ele até que pôs fim ao discurso com meia dúzia de palavras bem escolhidas.

— Tenho de te dizer uma coisa, Sol; sinto alguma dificuldade em ter pena de gente rica que se preocupa mais com as suas plantas exóticas do que com os filhos dos colonizadores. — Ao contrário dos colonizadores, cujos antepassados chegaram a Deva há muitas gerações, a maior parte dos ricos que ali vivia chegara há pouco tempo, vindo de Tri, o planeta capital da Federação Quatra.

— Ah, agora vais dar uma de moralista para cima de mim, ó idiota? O teu trabalho é fazeres as entregas que te mando e ficar de bico calado, entendeste?

— Entendi — murmurou Cormak.

— A tua sorte é que sou uma pessoa bondosa e de natureza compreensiva. Vou dar-te mais uma oportunidade. Tenho uma carga a chegar hoje em 29° 22' N, 99° 48' W... Porque é que não te estou a ouvir a encostar para anotares a direção?

— 29° 22' N, 99° 48' W — repetiu Cormak, com voz monótona. — Recebido, chefe. — Ele nunca se esquecia das coordenadas. Tinha um jeito especial para números. Conseguia vê-los mentalmente e reordenava-os em toda a espécie de combinações; isto permitia-lhe resolver equações complexas em poucos segundos. Não que lhe servisse de grande coisa. Como não conseguia mostrar os passos todos, nos exames de matemática os professores presumiam sempre que copiara por alguém. Isto deixava o irmão, Rex, furioso, mas Cormak não queria saber. As notas só tinham importância para pessoas como Rex — aqueles alunos raros que eram suficientemente inteligentes para chamar a atenção dos instrutores e suficientemente agradáveis para justificar a quantidade interminável de papelada, favores e subornos necessários para mandar um deviano para uma universidade fora do planeta ou para um programa de treino. Embora, na verdade, nem Rex tenha conseguido sair de Deva.

— Se deres cabo disto, vais arrepender-te. Estou a falar a sério, Cormak.

— Já entendi. Estou lá hoje à noite. — 29° 22' N, 99° 48' W ficava no Setor 22, onde Sol tinha um contacto que importava nanotecnologia roubada de Tri. Embora a maior parte do negócio de Sol consistisse na venda de água, ele também negociava com armas e tinha uma paixão por criptocomércio interestelar. Corria o boato de que até fizera um ataque cibernético ao Banco Tridiano.

— Merda — resmungou Cormak, quando a roda bateu noutro buraco, fazendo a mota sair disparada. Conseguiu mantê-la de pé, mas caiu com força suficiente no chão para sentir as vibrações a trespassarem-lhe o corpo todo. Olhou para baixo de relance para verificar que as calças continuavam entaladas nas botas. A pele

exposta permitia que o ar venenoso entrasse pelos poros, o que matava as pessoas em poucas horas.

Deva era naturalmente tóxico para os humanos. O planeta encontrava-se envolvido por uma camada grossa de nuvens gasosas — uma combinação de nitrogénio, dióxido de carbono e apenas o oxigénio suficiente para ser filtrado e bombeado para o interior dos edifícios selados. Também era rico em terranium, o metal que outrora compunha a maior parte dos edifícios em Tri.

Há uma centena de anos, os proprietários das minas e os exportadores de metais de Tri tinham vindo para Deva, ansiosos por reclamar a sua parte. Construíram enormes cúpulas em volta das suas casas confortáveis para se protegerem da atmosfera e viajavam de um lado para o outro, trabalhando em aeronaves com sistemas de filtragem de oxigénio secundários. Depois construíram torres de apartamentos para as centenas de milhares de trabalhadores que atraíram para Deva sob a promessa de salários elevados e um novo começo de vida. As torres ficavam suficientemente próximas das minas para os trabalhadores se deslocarem a pé através do nevoeiro tóxico rosado, usando apenas as máscaras de gás básicas que a empresa fornecia. Claro que as máscaras não tinham sistemas de filtragem secundários.

Depois, há cerca de 20 anos, os empreendedores descobriram fyron, um metal ainda mais forte, em Chetire e o mercado do terranium desmoronou-se. A maior parte das minas foram encerradas, mas, como é evidente, o tempo que os mineiros entretanto haviam passado no subsolo foi o suficiente para lhes corroer os órgãos internos. O pai de Cormak morreu com a propecta idade de 39 anos e com mais tumores nos pulmões do que moedas nos bolsos.

Mais à frente, Cormak viu qualquer coisa a brilhar perto do horizonte. Era um polícia numa aeronave. Cormak praguejou e virou bruscamente para a direita; saiu da estrada e entrou nos terrenos baldios cheios de buracos e trincheiras. Não estava a fazer nada de ilegal — pelo menos, nada que se conseguisse ver do ar — mas os

polícias paravam qualquer pessoa com quem lhes apetecesse arranjar problemas. Se o mandassem encostar e encontrassem a água escondida, estava tramado. A maior parte das pessoas que eram presas em Deva não recebia intimações, nem sequer tinha acesso a julgamentos. Elas simplesmente deixavam de fazer parte da sociedade, nunca mais ninguém ouvia nada delas.

Cormak acelerou e conduziu a mota em direção ao caminho mais direto para o desfiladeiro, composto por uma série de canais que os mineiros tinham criado há muitos anos. Era demasiado estreito para a aeronave o seguir e demasiado escuro para o mecanismo de reconhecimento facial conseguir identificar Cormak ao longe.

O zumbido característico do motor da aeronave ouviu-se por cima do rugido da mota. Cormak obrigou-se a regularizar a respiração. A máscara só tinha capacidade para filtrar uma certa quantidade de ar de cada vez.

— Pare e saia do veículo — troou uma voz sonora, vinda de cima. — Entrou numa zona reservada e é necessário que se identifique.

Área reservada o caraças. Há duas décadas que o desfiladeiro não era «reservado» a nada. Tratava-se apenas de uma desculpa esfarrapada que a polícia arranjava quando queria alegar um motivo para revistar alguém. Cormak baixou-se ainda mais sobre o guiador, incitando a mota a acelerar. O pó vermelho levantava-se à sua passagem, e de cada vez que passava por cima de uma pedra ou um sulco na estrada a mota voava pelo ar.

A entrada para o desfiladeiro estava mesmo em frente, como um golpe estreito na colina de terra vermelha. A aeronave não cabia ali de forma nenhuma. Se Cormak conseguisse chegar lá a tempo, o polícia não teria outro remédio senão desistir da perseguição.

— Pare e saia do veículo — ordenou a voz, novamente. — É o último aviso.

O desfiladeiro estava a cem mitons de distância. Agora a 90. Cormak acelerou ainda mais. Setenta. Olhou por cima do ombro e praguejou. Por que motivo a aeronave não voltava para trás?

A entrada do desfiladeiro tornou-se maior. Cormak estava apenas a 40 metros de distância. Trinta. A fenda do desfiladeiro tinha cerca de 7 metros de largura, o que mal chegava para duas motos ao lado uma da outra, quanto mais uma aeronave. O polícia ia ter de encostar em breve. Era *obrigado* a encostar.

Uma corrente súbita de ar quente quase derrubou Cormak da moto. A aeronave aproximara-se do chão e deslizava agora ao lado dele.

— Encoste — gritou o polícia.

Como resposta, Cormak baixou-se ainda mais e acelerou a moto ao máximo. Apontou para a entrada do desfiladeiro e susteve a respiração, rezando para que o polícia não acelerasse e tentasse bloquear-lhe a entrada, o que certamente acabaria por matá-los a ambos.

A moto mergulhou na sombra quando as paredes do desfiladeiro surgiram de ambos os lados e Cormak olhou de relance por cima do ombro mesmo a tempo de ver a aeronave virar bruscamente para a esquerda. Alguns segundos depois, ouviu-se o metal a esmagar-se, seguido por um baque surdo.

Cormak travou com tanta força, que a moto se virou e bateu contra uma das paredes do desfiladeiro. Ele ficou ali por um instante, debruçado sobre o guiador, a arquejar, enquanto uma dor persistente lhe fazia latejar as costelas. Mas quando viu a sombra do polícia sair de entre os destroços, soltou um longo suspiro de alívio. O tipo agora já não tinha a menor hipótese de o apanhar. Cormak endireitou-se, acelerou o motor e sorriu à medida que o ruído abafava os ecos das pragas que o polícia lhe dirigia.



Quando Cormak regressou à Torre B já era quase meio-dia, o que significava que já só lhe restava tempo para dormir um par de horas antes de ter de sair novamente. Assim que a câmara de ar sibilou atrás dele, arrancou o capacete da cabeça, salpicando gotículas de

suor por todo o lado. Prendeu a mota e começou a subir os 31 lances de escadas, sem sequer se dar ao trabalho de verificar se o elevador fora finalmente arranjado.

Conseguiu chegar ao apartamento sem se cruzar com nenhum dos vizinhos, graças a Antares. Já se passara demasiado tempo desde a morte de Rex para as pessoas lhe apresentarem condolências, mas Cormak percebia que também não se sentiam à vontade com ele para terem conversas mundanas e normais. Seria de pensar que no Setor 23, onde a dor e a mágoa circulavam com o ar infinitamente refiltrado, as pessoas saberiam como lidar com estas emoções. Cormak não se lembrava de uma única família que não tivesse sido tocada pela tragédia.

Como era habitual, a minúscula sala de estar conseguia parecer despida e desarrumada ao mesmo tempo. Os invólucros vazios dos pacotes nutritivos espalhavam-se pelo chão e pelo sofá puído; por cima das cadeiras jaziam roupas sujas. Quando Rex era vivo, o apartamento, apesar de modesto, estava sempre imaculado. Embora fosse apenas três anos mais velho do que Cormak, Rex parecia frequentemente mais um pai do que um irmão. Depois de o pai deles morrer, quem se encarregou de pagar a renda foi Rex, que também se aventurava ao fogão pouco confiável para de vez em quando cozinhar uma refeição quente. Era também ele quem encorajava Cormak a fazer os trabalhos de casa muito depois de os professores deixarem de se preocupar com ele.

Cormak fechou os olhos e deixou que a nuvem familiar de dor o envolvesse. Nem sequer sabia que o irmão estava a trabalhar na mina em Hobart Barrens até ser notificado sobre o acidente. Rex tinha um emprego seguro como porteiro do porto de vaivéns e estudava à noite para conseguir fazer os exames de acesso à academia de pilotos. Por que motivo teria desistido de tudo para trabalhar temporariamente na região mais traiçoeira de Deva? Só as pessoas mais desesperadas aceitavam trabalhar em Barrens, uma cratera enorme onde os tremores de terra faziam as minas desabarem

e jatos enormes de vapor escaldante escaparem-se das fendas que se abriam no solo.

Durante os primeiros dias, Cormak nem se preocupou. Era frequente o irmão aceitar fazer turnos extra e não era invulgar passarem alguns dias sem se cruzarem em casa. Mas ao quarto dia começou a ficar ansioso. E ao fim de sete dias recebeu a notícia que lhe despedaçou o coração em mil estilhaços afiados. Rex estava morto. Cormak nunca mais ia ouvir a sua gargalhada pateta e sonora — o único barulho suficientemente alto para abafar o zumbido incessante do sistema de filtragem do ar. Nunca mais ia revirar os olhos quando Rex fizesse uma das suas terríveis imitações dos vizinhos, que eram todas exatamente iguais. Nunca mais ia sentir o calor reconfortante da grande mão de Rex pousada no seu ombro enquanto lhe dizia que tudo ia correr bem. Eram palavras que sempre lhe enchiam o peito de calor. Palavras que afinal eram mentiras.

Cormak pressionou a mão contra a parede e obrigou-se a respirar enquanto a dor familiar se ia desvanecendo. Precisava de dormir algumas horas antes de fazer a próxima entrega. Quando deu um par de passos cansados para a frente, o estômago roncou, furioso. Se não comesse alguma coisa antes, as entregas daquela noite seriam violentas, mas não havia absolutamente nada na cozinha. Para sua grande frustração, ontem fora obrigado a comprar uma peça para a mota — normalmente Cormak procurava peças usadas, mas depois de vários dias de buscas infrutíferas, acabara por se resignar a comprar a peça; mas ficou sem dinheiro para comida. Precisava de vender alguma coisa, mas ao longo dos últimos meses já penhorara tudo o que havia de valioso em casa — o relógio que herdou do pai, a mota *vintage* do avô, a única joia que a mãe, que morreu pouco tempo depois de Cormak nascer, alguma vez possuía. A única divisão do apartamento que ainda não pilhara fora o quarto de Rex.

Olhou fixamente para a porta que não abria desde que o irmão morrera. A ideia de escarafunchar por entre os pertences de Rex

apertava-lhe o coração, mas ele havia de ficar zangado se soubesse que Cormak andava a passar fome só para não vender as suas coisas.

Obrigou-se a caminhar até à porta e entrou no segundo quarto minúsculo do apartamento. O ar era pesado e tão parado como o de um túmulo e Cormak deu por si a sustentar a respiração.

Tudo estava perfeitamente arrumado, à exceção de um par de botas pousadas no chão a alguns centímetros da porta. Quando passou cuidadosamente por cima das botas, de modo a não pisá-las, Cormak sentiu uma nova onda de dor. Algo na disposição das botas lhe parecia vital, viva, como se a pessoa que as descalçara à pressa pudesse voltar a qualquer instante.

A cama estava feita, claro. Rex entalara primorosamente os lençóis por baixo do colchão depois de se levantar pela última vez. Haveria uma pequena parte dele que sabia que saía de casa para morrer naquele dia e por isso tivera cuidados redobrados para deixar o quarto tão bem arrumado?

Cormak dirigiu-se à cómoda e deixou os dedos pairarem sobre o puxador da gaveta de cima antes de a abrir. Ali estava a coleção de modelos de jatos do irmão, que sempre o deixara brincar com eles. Uma pilha de t-shirts. Passou os dedos na de cima com um arrepio.

Fechou a primeira gaveta e abriu a segunda. Estava vazia, assim como a gaveta de baixo. Cormak sentiu um misto de frustração e alívio enquanto olhava em redor do quarto, e estava prestes a sair quando alguma coisa na almofada de Rex lhe chamou a atenção. Deu alguns passos em frente e apercebeu-se de que na verdade eram dois objetos — um cartão de identificação e um velho comunicador portátil.

Cormak pegou primeiro no cartão e estremeceu quando viu o rosto sorridente do irmão — não tinha muitas fotos de Rex. Por que motivo deixara isto para trás? Voltou a pousá-lo em cima da almofada e pegou no comunicador. Rex ficou tão orgulhoso quando comprou o aparelho usado; houve um tempo em que nunca o viam sem o comunicador preso ao cinto. Mas a rede em Deva era tão má que acabou por desistir de andar com ele.

Para surpresa de Cormak, a luz de mensagem estava a piscar.

Tocou no ecrã e este ganhou vida lentamente. Algumas das mensagens não tinham importância — descontos para viagens de vaivém para as quais Rex nunca tivera dinheiro, anúncios para «oportunidades de carreira entusiasmantes» em empresas fora do planeta que não contratavam ninguém em Deva há anos. Havia algumas mensagens de velhos amigos e conhecidos que não deviam saber da morte de Rex, e alguns que *sabiam*, mas mesmo assim lhe escreveram como forma de se despedirem dele.

Cormak estava prestes a fechar o comunicador quando viu algo que lhe deixou o corpo inteiramente rígido. Era uma mensagem que ainda não tinha sido aberta; no assunto dizia: «Para o Cormak». Com as mãos a tremer, Cormak conseguiu abrir a mensagem e começou a ler.

Mano C.,

Desculpa ter saído assim sem dizer nada, mas não te queria preocupar. Este biscate em Barrens dura só dez dias e nem acreditas no dinheiro que nos vão pagar. Se correr tudo conforme os planos, nunca chegarás a ler esta mensagem. Volto antes de começares a escarafunchar no meu quarto. Mas achei que devia deixar qualquer coisa escrita, pelo sim pelo não.

Deves estar a questionar-te por que motivo aceitei este trabalho. Bem, há outra coisa que também ainda não te contei. A minha candidatura à Academia da Frota Quatra foi aceite. É uma loucura, não é? Não te disse que ia candidatar-me porque as probabilidades de entrar eram tão escassas que achei que nem valia a pena. Depois, quando soube que tinha entrado, não queria que sentisses que estava a deixar-te para trás. É por isso que estou aqui. Vim para ganhar dinheiro suficiente para também te tirar de Deva. Podes ir para a universidade em Tri ou para a academia de pilotos em Chetire — o que quiseres. Sei que

nunca acreditaste em mim quando te dizia isto, mas tu és um génio, maninho. És muito mais inteligente do que eu e podes fazer da vida aquilo que te apetecer. Assim, vamos poder sair os dois deste maldito planeta. Não vamos ficar aqui a apodrecer aos poucos, como o pai.

Este trabalho não é tão perigoso como as pessoas dizem, e duvido seriamente que alguma coisa venha a correr mal. Mas se estiveres a ler isto, acho que algo terá corrido menos bem...

Por amor a Antares, espero mesmo que não estejas a ler esta minha mensagem.

Se não regressar a casa, há uma coisa que podes fazer por mim: quero que fiques com o meu lugar na Academia. Deixei o meu cartão de identificação em cima da almofada. És mais inteligente do que aqueles tridianos todos juntos e mal posso esperar por ver um deviano a pô-los no seu lugar. Porque vou estar de olho em ti, maninho, mesmo que neste momento não saibamos bem de onde te vou observar.

Pronto, tenho de parar com isto porque estou a ficar emocionado e não quero que chegues a casa e me vejas todo entalado. De qualquer maneira, nunca vais ler esta mensagem. Sei que não a vais ler. Daqui a poucos dias já estou em casa outra vez. Mas se por obra do destino não estiver — cuida de ti, Cormak. Amo-te.

— Rex

O mundo desapareceu num clarão de dor branca e escaldante à medida que Cormak se deixava cair no chão. Rex fora para Barrens por causa dele. Preferiu arriscar a vida a deixar o irmão entregue a si mesmo. Cormak tentou respirar, mas parecia que as costelas se tinham abatido e que o coração se empalara pelos ossos quebrados.

— Não — murmurou Cormak, enquanto abraçava os joelhos contra o peito. — Não, Rex.

Fechou os olhos enquanto recordava as últimas horas que passou com o irmão: o último jantar que tiveram juntos, a última partida de bola nas escadas — um jogo que inventaram há muito tempo — com as gargalhadas a ecoar tão alto como quando eram miúdos. Estas recordações tinham sido uma fonte de conforto nos últimos meses tão terríveis, mas agora que sabia que Rex carregara este segredo com ele o tempo todo, Cormak sentia que as memórias estavam manchadas.

Se pelo menos tivesse encontrado o comunicador mais cedo. Se tivesse revistado as coisas do irmão assim que ele desapareceu, talvez tivesse conseguido fazer alguma coisa. Talvez pudesse ter arranjado boleia ou roubado um veículo qualquer para ir a Barrens e obrigar o irmão a voltar para casa. Podia ter salvado a vida de Rex.

Com as mãos ainda a tremer, Cormak leu a mensagem novamente. Desta vez, uma pontada de orgulho surgiu por entre a dor. Mal podia acreditar — Rex fora aceite na Academia da Frota Quatra. Era a escola mais elitista de todo o sistema solar, famosa por produzir oficiais da Frota verdadeiramente lendários. Até há pouco tempo, apenas os tridianos podiam frequentar a academia. Cormak ouvira qualquer coisa sobre uma alteração dos estatutos, mas não prestara muita atenção. A ideia de que um deviano pudesse andar na academia era demasiado rebuscada para imaginar. E, no entanto, Rex entrara.

Esquece lá a carreira de piloto, Rex podia ser um oficial.

Mas agora era impossível. Porque as merdas em Deva eram mesmo assim. Não importava o quanto uma pessoa se esforçava, ou a sorte que lhe batesse à porta: havia sempre qualquer coisa a dar cabo de tudo. Uma frustração escaldante percorria as veias de Cormak. Rex, a pessoa mais bondosa e inteligente que conhecia, conseguira a oportunidade de uma vida — para depois ver a mesma vida ceifada antes do tempo. Cormak puxou o braço atrás e atirou o comunicador pelo ar. O aparelho bateu na parede com um baque satisfatório.

Cormak expirou profundamente e voltou a inspirar, relaxando um pouco quando o oxigénio lhe chegou por fim aos pulmões. Levantou-se devagar e com as mãos a tremer pegou no cartão de identificação

que jazia sobre a almofada. Cormak fitou o rosto sorridente do irmão e pensou no que Rex dissera na mensagem. *Se não regressar a casa, há uma coisa que podes fazer por mim: quero que fiques com o meu lugar na Academia.* Que conversa mais idiota. Cormak não podia simplesmente ficar com o lugar do irmão. A localização da academia era ultrassecreta; não havia forma de um impostor entrar por ali adentro com uma identificação falsa. Se fosse apanhado, ia para a prisão federal, ou pior. E mesmo que conseguisse entrar, ia ter aulas com os miúdos mais inteligentes do sistema solar. Não demoraria muito até alguém se aperceber de que Cormak estava fora do seu meio.

Passou o dedo pela fotografia do cartão. Conhecia tão bem aquele sorriso que ainda lhe custava a acreditar que nunca mais o ia ver ao vivo. Era o sorriso que devia ter cruzado o rosto de Rex quando escreveu: *és mais inteligente do que aqueles tridianos todos juntos e mal posso esperar por ver um deviano a pô-los no seu lugar.*

Era tão arriscado, praticamente uma missão suicida. Havia mil coisas que podiam correr mal e a simples ideia de o irmão responsável e respeitador de regras estar a sugerir a Cormak que cometesse uma fraude de identidade era tão absurda que só lhe dava vontade de rir. No entanto, essa sugestão fazia tudo precipitar-se de forma mais urgente. Rex desejava tanto aquela oportunidade para Cormak, que estava disposto a enviar o irmão para uma situação perigosa. As probabilidades de ser bem-sucedido eram escassas, mas se conseguisse *ter* sucesso, então a sua vida mudaria para sempre. Talvez até viesse a salvar-lhe a vida.

Esta era uma oportunidade única para Cormak tentar sair de Deva. Se ficasse ali, era apenas uma questão de tempo até estar cheio de tumores, ou de balas da polícia. Pela primeira vez em oito meses, Cormak sentiu que qualquer coisa além da raiva, da dor e do desespero se contorcia no seu estômago, uma coisa que nunca pensou poder voltar a sentir: esperança. Não podia trazer o irmão de regresso à vida, mas de certa forma talvez pudesse tornar o seu sonho realidade. Ia fazer Rex orgulhar-se dele, não importava a que custo.

CAPÍTULO 2

A R R A N

— **E**spera! Não comas isso!

Arran olhou para cima e viu uma rapariga de cabelos encaracolados com madeixas lilases a olhar para ele alarmada. Devolveu-lhe o olhar, tão assustado com o aparecimento súbito da rapariga como com o tom preocupado da sua voz. Arran chegara ao porto de vaivéns com quase uma hora de antecedência e sentara-se à espera num dos bancos almofadados. Todos os voos comerciais daquele dia tinham sido cancelados, por questões de segurança. As únicas pessoas com autorização para estar ali dentro eram os cadetes da Frota Quatra e os seus familiares, por isso o átrio circular estava praticamente vazio e silencioso, à exceção do guinchar dos robôs de limpeza que lavavam o chão e das vozes alegres que se faziam ouvir nos monitores. Os anúncios repetiam-se tanto, que Arran quase os sabia de cor.

Embarque na viagem da sua vida! As montanhas de Urud aguardam-no. E estão apenas a um parsec de distância!

Em Loos, o planeta mais próximo do sol, os dias são sempre soalheiros!

A cada três ou quatro minutos, as imagens de viagens exóticas eram substituídas por uma imagem muito pacífica do espaço, com música relaxante a acompanhar o cintilar das estrelas. Depois a música tornava-se estridente e urgente à medida que um vaivém aparecia ao fundo, seguido por mais um par deles. Quando o primeiro vaivém enchia por completo o ecrã, libertava uma saraivada de bombas.

Os specters vêm aí. Vais deixá-los entrar sem dar luta? A Frota Quatra precisa de ti!

Apesar de terem decorrido dois anos desde o último ataque — aquele cujo alvo foi o planeta de Arran, Chetire — toda a gente sabia que era apenas uma questão de tempo até os specters voltarem. Desta vez, Arran não se ia acobardar e ficar em casa. Andava a treinar para lutar.

Arran apercebeu-se de que a rapariga de cabelo lilás continuava a observá-lo e baixou os olhos para o crepe que a mãe lhe colocara no saco naquela manhã.

— Não como porquê?

— Porque assim que entrarmos em velocidade espacial, vais acabar por vomitar tudo.

— Oh, pois é — concordou Arran, corando enquanto voltava a embrulhar o crepe no guardanapo de tecido. Era o das flores azuis, o seu favorito. Questionou-se se a mãe o fizera de propósito, enviando assim com ele um pedacinho de casa.

— Não te preocupes. — A rapariga sorriu-lhe, com bondade. — Eu também nunca andei de vaivém. Só pesquisei algumas coisas sobre as viagens interplanetárias.

Arran levantou-se e passou as mãos pelo cabelo, um tique nervoso que nunca conseguira abandonar.

— Isso foi boa ideia — confessou, aliviado por não ser o único caloiro nas viagens espaciais. Nunca saíra do território F — a província mais remota de Chetire —, quanto mais do planeta. A sua família sempre trabalhara nas minas e quando Arran recebeu a

notificação de entrada na Academia estava a poucos dias de assinar um contrato de dez anos com uma empresa mineira. Dez anos em que trabalharia 12 horas por dia a mais de 400 mitons abaixo do solo congelado. Ainda mal conseguia acreditar na sua sorte. Acabar nas minas sempre fora o seu maior medo, mas por muito que se esforçasse, não conseguia encontrar uma alternativa. As pessoas que nasciam em Chetire nunca chegavam a sair de Chetire.

Até agora.

Desejou também ter pesquisado um pouco mais. Arran estava habituado a ser o mais conhecedor; já não tinham conta as vezes que o agrediram depois das aulas por fazer «perguntas estúpidas» que impediam os instrutores cansados de terminarem as aulas mais cedo. Certa ocasião, enquanto lhe aplicava pomada no olho inchado, a mãe sugerira suavemente que talvez fosse melhor guardar as dúvidas para a biblioteca, mas ele sabia que isso nunca ia funcionar. Quando alguma coisa despertava a curiosidade de Arran, consumia-lhe rapidamente todos os restantes pensamentos... incluindo a facilidade com que ganhava nódoas negras.

Uma rapariga pálida aproximou-se de Arran e da rapariga de cabelo lilás.

— Vocês também vão para a Academia? — perguntou, com ar um pouco ansioso.

— Vamos. — Arran fez-lhe uma ligeira vénia com a cabeça, que era a forma educada em Chetire para cumprimentar os colegas.

— Sou o Arran.

Ela retribuiu o gesto.

— Mhairi.

Depois de a rapariga de cabelo lilás se apresentar como Sula, Mhairi olhou por cima do ombro com uma expressão preocupada para um homem e uma mulher que continuavam envoltos nas capas de neve, ainda a pairar perto do muro.

— Acho que é melhor ir despedir-me dos meus pais. Não quero que toda a gente fique a saber que eles vieram comigo.

Sula sorriu.

— Os meus teriam vindo, se tivessem dinheiro para isso. Não é todos os dias que o primeiro grupo de cheterianos parte para a Academia da Frota Quatra.

— Parece que estás a ler uma frase das tuas memórias — disse Arran, com o cuidado de manter o tom de voz ligeiro para que ela não pensasse que estava troçar dela. Porque Sula tinha razão. Por muito arrogante que pudesse parecer, eles estavam de facto a fazer história. A única coisa que desejava era não desiludir ninguém.

Durante milénios, Tri foi o único planeta habitado de todo o sistema solar. Porém, à medida que a tecnologia foi avançando, os tridianos implementaram as primeiras povoações no planeta tropical Loos e criaram colónias mineiras em Deva, um planeta tóxico, e em Chetire, um planeta gelado. Os tridianos pobres que emigraram para trabalhar nesses planetas eram conhecidos por «colonizadores», nome que se aplicava aos seus filhos e netos. Algumas gerações depois, o número de colonizadores já excedia amplamente o dos empresários tridianos e os primeiros começaram a exigir o direito de autorregulação, lançando campanhas para a independência que acabaram pacificamente, embora sem sucesso, em Loos, mas que em Chetire e em Deva originaram guerras violentas.

Como resultado, a Federação Quatra instituíra regras rígidas para evitar futuras insurreições. Os colonizadores não tinham direito de voto, não podiam frequentar as universidades tridianas, não podiam fundar negócios, nem sequer processar judicialmente os tridianos. E apesar de poderem alistar-se na infantaria, não podiam ter outras patentes na Frota Quatra, quanto mais concorrer à Academia.

No entanto, no ano anterior, o Comandante da Frota Quatra provocara uma verdadeira agitação com uma nova política que permitia que qualquer colonizador entre os 16 e os 18 anos se candidatasse à Academia. Os mais críticos em Chetire zombaram da ideia de o Comandante se ter tornado subitamente mais tolerante e afirmaram que os ataques recentes dos specters haviam criado simplesmente

a necessidade de existirem mais oficiais. Arran acreditava no que o Comandante Stepney dissera no seu agora famoso discurso, que os soldados teriam mais confiança nos líderes se os oficiais superiores fossem do seu próprio planeta e que existiam imensas pessoas talentosas em todo o sistema solar.

Mesmo assim, não fora o suficiente para reunir consenso. Em Tri, a oposição a esta medida foi considerável, principalmente depois de ter sido anunciado que, depois de séculos de admissão exclusiva de tridianos, a Academia ia agora aceitar cadetes dos quatro planetas. O adversário mais notório era um almirante chamado Larz Muscatine (conhecido pela sua intolerância), que defendia que abrir a Academia aos colonizadores iria enfraquecer a Frota Quatra.

Arran mal podia esperar por lhe provar que estava errado.

Os restantes cadetes cheterianos chegaram durante a meia hora seguinte. Alguns viviam ali em Haansgaard, a capital, mas a maior parte viajara evidentemente de locais mais afastados do porto de vaivéns. Um dos rapazes tremia tanto, que os outros acharam que estava enregelado e colocaram os seus casacos por cima dele, para o aquecerem. Mas depois perceberam que estava apenas nervoso.

— Sabem quando vamos ser colocados nos nossos esquadrões? — perguntou Mhairi, do banco onde se deixara cair, rodeada pela sua bagagem. Arran sentiu uma onda de entusiasmo. Muito antes de ter sonhado sequer em entrar na Academia, já ouvira as histórias sobre o Torneio, uma competição intensa entre os cadetes. Os alunos eram separados em esquadrões de quatro e recebiam as suas missões de acordo com um afamado e rigoroso teste de aptidão: eram capitães, pilotos, oficiais de tecnologia ou oficiais de espionagem. O esquadrão vencedor aparecia sempre nas notícias de todo o sistema solar e os seus elementos eram anunciados como a próxima geração de heróis treinados para combater os specters.

— Não tenho a certeza — respondeu Sula. Pela primeira vez desde que ali chegara, parecia um pouco nervosa. — Mas eu quero definitivamente ser piloto.

— A sério? — perguntou Mhairi, soando impressionada. — Já alguma vez pilotaste?

Sula abanou a cabeça.

— Não, mas acho que depois do exame de aptidão...

Um rapaz pálido de cabelo castanho pelos ombros interrompeu-a, com um som desdenhoso.

— Muita sorte vais ter se conseguires *acabar* o exame de aptidão.

— Era o único que trazia um comunicador e nem levantou os olhos do aparelho ao falar. Arran pensara em pedir ao rapaz para enviar uma mensagem à mãe — só para ela saber que conseguira chegar a Haansgaard em segurança. Mas depois de o ouvir falar, decidiu que era melhor não lhe pedir nada.

— Desculpa? — questionou Sula, com as sobrancelhas erguidas.

— Não é nada pessoal — disse ele, levantando finalmente os olhos. — Mas temos de aceitar os factos, estamos muito longe do nosso campeonato. Estes miúdos tridianos andam a ser preparados para o exame de aptidão desde que nasceram.

Alguns cadetes trocaram olhares nervosos, mas Sula dirigiu-lhe um olhar que cimentou a opinião favorável que Arran formara sobre ela.

— Não podes preparar-te para este exame. Ele avalia as tuas aptidões naturais.

— Ai sim? — perguntou ele, com desdém. — Então se é assim, por que motivo é que os tridianos mais ricos contratam professores da Academia para ensinarem os filhos? O meu tio trabalhou em Tri, por isso testemunhou isto de perto. Vocês não fazem ideia do que temos à nossa frente.

— Fala por ti — disse Sula, empinando o queixo. — Pessoalmente, estou muito entusiasmada para pôr aqueles snobes de Tri nos seus devidos lugares.

A maior parte dos miúdos que ali estavam murmurou em sinal de concordância e, apesar do nó de ansiedade que lhe arrepanhava o estômago, Arran também assentiu com a cabeça. Não podia deixar

que o intimidassem. Não depois de se ter esforçado tanto para chegar até ali, a estudar noite dentro enquanto a mãe lavava chãoos durante 14 horas por dia para o sustentar.

Naquela altura, com o fuso horário, já seria noite no território F. Arran imaginou a mãe sozinha no minúsculo apartamento que partilhavam, a aquecer as mãos com uma chávena de chá, enquanto o radiador enchia o ar com mais barulho do que calor. O que teria ela comido ao jantar? O coração de Arran contraiu-se ao imaginar a mãe a pôr a mesa só para um — um prato, um garfo, uma faca e um guardanapo de pano cuidadosamente dobrado. O que faria durante o resto do serão, sem ter mais ninguém com quem conversar? Nunca se aproximara de nenhum dos vizinhos — os turnos longos que fazia na empresa mineira de fyon não permitiam muitas atividades sociais. Arran não se lembrava de uma altura em que a mãe não parecesse cansada. No entanto, quando ele sugeriu desistir da bolsa e ficar em casa, os olhos dela ficaram mais furiosos do que alguma vez os vira.

— Não — afirmou ela, tremendo ligeiramente enquanto pousava a mão no braço dele. — Tens de ir. Mereces muito melhor do que isto — gesticulou em redor do apartamento parcamente mobilado, mas imaculadamente limpo.

— Então e tu? Não vais sentir-te sozinha?

— Eu fico bem — disse a mãe, forçando um sorriso. — Como posso sentir-me sozinha com tantos pensamentos maravilhosos para me fazerem companhia? A única coisa que preciso de fazer é olhar para o céu e imaginar-te na Academia, a aprender a ser um herói.

Arran olhou em redor para a multidão de novos cadetes. Alguns estavam visivelmente nervosos; outros tentavam assumir um ar de indiferença, aparentemente imperturbados por estarem prestes a entrar num vaivém com destino à localização secreta da Academia; e outros ainda esperavam rigidamente, de ombros direitos, como se aguardassem uma inspeção. Talvez alguns deles viessem realmente

a transformar-se em heróis da próxima vez que lutassem contra os specters. E talvez — reprimiu um arrepio — alguns viessem a sacrificar tudo para serem apenas mais um nome na lista de baixas.

— Quem é aquele? — perguntou Sula, calmamente, gesticulando para um rapaz que interpelava um homem com o uniforme da Frota Quatra, do outro lado do porto de vaivéns quase deserto. O rapaz assentiu com a cabeça e começou a encaminhar-se para junto dos outros. — Já cá estamos 12. — Os noticiários tinham falado bastante sobre a dúzia de cheterianos que iam para a Academia, mas nenhum dos seus nomes fora divulgado.

— Talvez tenham recrutado mais alguém à última hora — sugeriu Arran. Mas à medida que o rapaz se aproximava, tornou-se evidente que não era cheteriano. Ao contrário dos restantes cadetes, que olhavam em redor do porto de vaivéns de olhos arregalados em deslumbramento ou com uma descontração forçada, ele parecia genuinamente descontraído. E em vez de vir vestido com várias camadas de lãs e peles, trazia apenas um casaco preto fino que só podia ser de couro térmico — um material cem vezes mais quente do que a pele e mil vezes mais caro. Arran retesou-se automaticamente, preparando-se para a centelha de desdém que associava a todos os tridianos, mas, para sua surpresa, quando chegou ao pé do grupo o rapaz sorriu calorosamente. Tinha a pele clara e o cabelo escuro e suave; quando se aproximou de Sula, Arran viu que os olhos dele eram de um verde profundo.

— Vocês vão todos para a Academia? — perguntou o rapaz.

— Vamos — respondeu Sula, com um sorriso, embora parecesse um pouco mais cautelosa do que antes.

— Oh, ainda bem. Pensei que já estava atrasado. Sou o Dash.

— Eu sou a Sula. — Estava a começar a curvar a cabeça quando Dash lhe estendeu a mão. Ela fitou-o, assustada com o gesto.

O sorriso amistoso de Dash desvaneceu-se um pouco e uma expressão confusa cruzou-lhe o rosto. Arran lembrou-se de que os costumes eram um pouco diferentes em Tri, porque a maior parte

das pessoas não passava os dias atolada até aos cotovelos em lamas venenosas — o subproduto de fyron e o gás que os mineiros extraíam do solo.

— Eu sou o Arran — apresentou-se, apertando a mão do rapaz.

— Prazer em conhecer-te — cumprimentou Dash. O sorriso voltou-lhe ao rosto e os olhos verdes brilharam, o que fez o estômago de Arran contorcer-se ligeiramente. Não estava habituado a que rapazes como Dash lhe sorrissem daquela maneira.

— És de onde? — perguntou Sula. Estava claramente a tentar mostrar-se educadamente curiosa, mas não conseguiu afastar uma nota de desconfiança da voz.

— Sou de Evoline, em Tri — respondeu Dash, alegremente. — Estive aqui a fazer o treino para piloto. Há uma escola nos baldios cheterianos. — Olhou em redor para o grupo e quando ninguém lhe respondeu, continuou. — O espaço aéreo é menos movimentado.

Alguns dos cheterianos entreolharam-se com nervosismo, enquanto o rapaz do comunicador sorriu com ar convencido, satisfeito por alguém ter provado a sua afirmação inicial.

— Pensaste que podias ganhar alguma vantagem, foi? — perguntou Sula.

Dash sorriu com timidez, revelando umas covinhas nas bochechas que fizeram o calor do estômago de Arran subir-lhe ao peito.

— Não tenho a certeza se é uma vantagem ou não. Estive lá durante três semanas e nunca consegui aterrar sem o meu instrutor me segurar nos comandos. Não sabia que havia tantas asneiras na língua de Chetire.

Sula tentou trocar um olhar irritado com Arran, mas ele fez de conta que não reparou.

— Bom dia, cadetes! — troou uma voz profunda. Um homem esguio de cabelos brancos com um uniforme da Frota Quatra caminhou com passos largos na direção deles, era o oficial com quem Dash falara antes. — Eu sou o Sargento Pond e sou um dos orientadores da Academia. Vou acompanhar-vos até ao vosso vaivém.

Arran endireitou-se um pouco mais e viu pelo canto do olho que a maior parte dos colegas fez o mesmo. Chegara o momento. Dali em diante, tudo o que dissessem ou fizessem seria alvo de avaliação. Apenas uma porção dos cadetes entraria na Frota Quatra como oficiais, dali a dois anos, quando acabassem o curso. No fim do primeiro ano, aqueles que conseguissem notas medianas — ou que não se tivessem saído bem no Torneio — seriam transferidos para programas de treino menos competitivos. Mas não era apenas o futuro de Arran que estava em jogo; cabia a este primeiro grupo de cadetes provar que os cheterianos faziam parte da Academia e das categorias superiores da Frota Quatra.

O Sargento Pond mexeu na faixa que trazia ao pulso até um bloco de texto translúcido alaranjado aparecer no ar. Era uma lista de nomes e hologramas fotográficos. O coração de Arran começou a bater mais depressa. Aquilo estava realmente a acontecer. Ele ia mesmo para a Academia.

— Muito bem, vamos ver quem temos aqui... — começou Pond, acenando com o dedo através do cursor aéreo. — Cadete Trembo.

A Sula deu um passo em frente.

— Presente.

Pond olhou para ela e para o holograma do seu rosto e passou o dedo sobre o nome dela, tornando o texto azul.

— Cadete Feng.

Um rapaz baixo de ombros largos levantou um braço musculado.

— Presente.

Mais uma vez, o olhar de Pond viajou entre o rosto e o holograma do cadete, confirmando a sua identidade.

— Cadete Korbet.

Arran pigarreou.

— Presente — disse, com uma voz mais aguda do que era habitual nele.

Em vez de olhar para o holograma, Pond olhou fixamente para Arran, que se contorceu desconfortavelmente, com a preocupação

a apertar-lhe o estômago. Teria havido algum engano? E se a sua carta de admissão fosse na verdade para outra pessoa qualquer?

Pond olhou para ele com uma expressão aprovadora.

— Interessante... então é este o cheteriano que teve a nota mais elevada no exame de acesso. Vou manter-te debaixo de olho, Korbet.

— Pond sorriu e o nó de preocupação no estômago de Arran afrouxou um pouco, substituído então por uma sensação a que não estava habituado. Orgulho. Logo a seguir, sentiu que lhe ardia o rosto ao perceber que os outros cadetes o fitavam com curiosidade. Não queria que pensassem que ele era convencido. Ser um cadete era muito mais do que ter boas notas num exame.

Pond fez a chamada ao resto dos cadetes, saltando Dash, que já devia ter confirmado a identidade antes.

— Muito bem, cadetes, está na hora. Venham comigo — pediu o sargento.

Os cadetes colocaram as mochilas ao ombro e seguiram o Sargento Pond através do átrio em direção a uma porta flanqueada por duas mulheres de uniforme. As mulheres fizeram continência ao sargento e desviaram-se quando a porta se abriu com um silvo.

— Então qual foi a tua nota? — perguntou Sula, colocando-se ao lado dele.

Arran olhou em redor, antes de dizer baixinho:

— Dois vinte e três.

Os murmúrios pararam e foram substituídos por um silêncio pesado.

— *Duzentos e vinte e três* — repetiu ela, depois de uma longa pausa. — Uau.

Alguns minutos depois, Arran já guardara a mochila no compartimento por baixo do banco e dava o seu melhor para prender o arnês sem grande agitação. A cabina do vaivém era circular, com cerca de 20 lugares dispostos em volta do perímetro. Arran sentou-se no primeiro lugar vago que encontrou, ansioso por escapar aos dos murmúrios dos restantes cadetes.

A fivela escapou-se do fecho e Arran reprimiu um gemido. Tentou mais uma vez, mas sem sucesso, e questionou-se qual dos passageiros seria o primeiro a reparar que o miúdo que tivera 223 no teste de acesso não conseguia sequer apertar o arnês de segurança.

Algo suave roçou contra o braço de Arran.

— É assim que funciona — ajudou Dash, puxando as duas correias dos ombros e apertando o cinto junto à cintura de Arran.

— Obrigado — agradeceu Arran. Apesar do alívio, o calor do seu rosto intensificou-se.

— Não tens de quê. — Dash deixou-se cair no lugar e apertou o arnês com um único movimento fluido e suave.

Ouviu-se um apito suave vindo dos altifalantes, seguido de uma voz feminina programada.

— *Olá e bem-vindos a bordo deste vaivém interestelar com destino a... destino confidencial.* — Alguns dos cadetes trocaram olhares entusiasmados. — *Desejamos-vos uma boa viagem.*

Arran sorriu amplamente, sentindo o nervosismo a desvanecer-se. Obrigou-se a manter os olhos abertos durante a trepidação e o ruído da descolagem, mesmo quando parecia que cada osso do seu corpo estava a ser arrancado do sítio. Não queria perder o momento em que o vaivém saísse da atmosfera de Chetire, levando-o para fora do planeta pela primeira vez na sua vida.

Na janela à sua frente, o horizonte nevado de Haansgaard foi encolhendo. A tundra estéril espalhava-se interminavelmente em todas as direções, salpicada aqui e acolá por propriedades solitárias ou pelas instalações mineiras. Quando pensou na mãe, sozinha no minúsculo apartamento que partilhavam, a três dias de distância, o coração de Arran comprimiu-se. Imaginou-a a beber chá, olhando pela janela para o céu cinzento, enquanto tentava ver o vaivém de relance.

Os barulhos pararam subitamente e tudo ficou mergulhado num silêncio e numa quietude estranhos. As janelas já não mostravam a neve em cornucópias ou as nuvens, mas as estrelas.

Quando começou a flutuar no lugar, as tiras do arnês de Arran cravaram-se-lhe nos ombros, a cabeça parecia andar às voltas com a descolagem violenta e sentia a estranha sensação da ausência da gravidade... mas havia mais qualquer coisa. O brumoso planeta cinzento tornou-se cada vez mais pequeno até ser apenas mais um vulto no meio das estrelas, e de repente Arran entendeu o que significava realmente viver no planeta mais remoto do sistema solar.

Olhou de relance para Dash pelo canto do olho. Ia de olhos fechados, com uma expressão tranquila no rosto.

Arran sorriu, percebendo pela primeira vez na vida que se sentia completamente sem peso.

E completamente livre.

A AUTORA DE **OS 100** ESTÁ DE VOLTA COM A SÉRIE SCI-FI MAIS AGUARDADA DOS ÚLTIMOS TEMPOS!

Até agora, apenas os habitantes do planeta Tri podiam frequentar a exclusiva Academia da Frota Quatra, a escola de oficiais. Pela primeira vez, serão admitidos candidatos de outros planetas. Uma oportunidade única para vários jovens escaparem a uma vida sem esperança.

Cormak, do planeta tóxico Deva, é obrigado a trabalhar para um dos maiores criminosos do sistema solar. Entrar na Academia pode ser a sua salvação. **Vesper**, a ambiciosa tridiana, preparou-se a vida inteira para chegar a capitã de esquadrão, mas ao ser suplantada por um desconhecido a sua carreira fica em risco. **Arran**, do gelado planeta Chetire, vê na Academia uma oportunidade para escapar ao trabalho nas minas. Mas a sua paixão por um rapaz tridiano vai trazer uma nova luta à sua vida. **Orelia** esconde um segredo: ela está infiltrada na Academia com uma missão, e a vida de todas as pessoas da escola dependerá de si.

Reunidos no mesmo esquadrão, estes quatro cadetes terão de superar diferenças e preconceitos. Mas os inimigos não lhes darão tréguas, e só uma equipa muito unida conseguirá sobreviver.

DA MESMA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-47-8



Ficção Científica